

# A influência da tuberculose na poesia de Manuel Bandeira

**Tania T. S. Nunes**

*Professora de Letras e Literatura.*

*Pós-graduação em Literatura Brasileira e Cultura da Pontifícia da Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC- RJ*

*ttsunes@uninet.com.br*

*Febre, hemoptise, dispnéia e suores noturnos.*

*A vida inteira que podia ter sido e que não foi.*

*Tosse, tosse, tosse*

*Mandou chamar o médico:*

*- Diga trinta e três.*

*- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...*

*- Respire*

*- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.*

*- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?*

*- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino<sup>1</sup>.*

Manuel Bandeira foi singular. Muitos adjetivos retratariam sua triste existência e sua poesia tecida sob a cicatriz da morte, a partir da tuberculose que o acometeu aos dezoito anos. Aos cinqüenta e seis, deu ao público "Pneumotórax". Viveu além do que esperava. Seu verso foi vida, transcendeu a meditação profunda. A poesia entrou em sua alma como missão, dilacerando-a. Levou a vida como quem segue pela mão de um anjo.

Um dia de chuva... O Rio de Janeiro amanheceu mais triste que toda a tristeza vivenciada durante a

existência do seu ser. Morreu o poeta, autor da "Estrela da vida inteira". O poeta que, aos dezenove dias de abril de 1886, trouxe a Recife à estrela da manhã. Da vida que foi poesia, que foi prisão e emancipação, que foi evolução e renascer, deixando em seu verso a certeza de que o bardo não morre. Ele transcende... Seus versos sempre estiveram – e estarão – na memória de muitos brasileiros.

Versos felizes embora simbolize a agonia de uma vida a espera do fim, representam o tempo de uma existência. O tempo, matéria fugaz, permitiu a Bandeira viver além do que sua alma em agonia presentira.

"A grande lição da tuberculose foi a de nos familiarizar com aquele elemento mágico, o tempo, o Khronos dos gregos. Elemento imponderável, amigo ou inimigo [...] objetivamente mensurável com todo o rigor por aparelhos de precisão"<sup>2</sup>, ressaltou o mestre Dr. Aloysio de Paula, no primeiro número da Revista Pulmão-RJ.

A musa inspiradora da poesia, tal como a tuberculose e outras enfermidades, também chega de mansinho como quem nada quer, vem pelo ar, impregna a natureza, penetra a alma do poeta e o enfeitiça em momento de entrega e transitividade. Contrariamente a característica da doença, Manuel

<sup>1</sup>Pneumotórax. In Bandeira, M. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974. p. 107.

<sup>2</sup> *Revista Pulmão-RJ*, n.º 1, v.1. jan-mar. 1991. In: PAULA, *O médico e o tempo*. Rio de Janeiro: Ave Maria. 1992, p. 281.

# Anúncio AstraZeneca

Anúncio Schering2

Bandeira foi atingido brutalmente pela tuberculose, excluindo-o por completo do sonho de ser arquiteto. Nas noites insones, acompanhado por incessante tosse, o poeta escrevia. Os versos vinham-lhe do sofrimento, do ar que lhe faltava. Igualmente, a palavra *pneumologia* origina-se do grego *pneuma* que significa respiração, mas também, segundo os filósofos, o sopro divino, o hálito de Deus que anima todos os seres.

A poesia é o sopro divino do poeta. Poesia e tuberculose para Bandeira foram mais que uma fibrose. Foi rima, foi dor, foi arte. O poeta que rimava papel e mel com Manuel apesar de ter a vida tão amarga e melancólica, superando a doença e esnobando-a o mais que pôde, fez mais amigos que muitos afortunados em qualquer outra trajetória de vida mais perfeita. Foi arquiteto do verso, amou e sonhou com uma “Pasárgada” em que fosse feliz sem o mal que lhe escavava o pulmão e a alma diariamente. Afinal, lá ele era amigo do rei e tinha o remédio que esperava!

Viveu intensamente... viveu a espera da iniludível... A morte que todas as noites batia a sua porta e a quem por tantas vezes chamou de anjo bom.

*E tudo isso me vem de vós, Mãe natureza!*

*Vós que cicatrizais minha velha ferida...*

*Vós que me dais o grande exemplo de beleza*

*E me dais o divino apetite da vida!*<sup>3</sup>

O poeta que escrevia fácil, que desafiou a morte de peito aberto. Escreveu para todos os poetas. Escreveu para a vida, para a vida que achava não ter. Deixou inúmeros versos que, ainda hoje, saltam aos corações dos amantes do dia, da literatura e da poesia como ele mesmo fora.

*Em brigas não tomo parte*

*A morros não subo não:*

*Que se nunca tive enfarte,*

*Só tenho meio pulmão.*

*No amor ainda tomo parte,*

*Mas não me esbaldo, isso não:*

*Que se nunca tive enfarte,*

*Só tenho meio pulmão.*<sup>4</sup>

Até certo ponto, a imaginação também é ar, é sonho e é música. É um vôo que permite uma queda inesperada, uma angústia completamente aceita e superada. O poeta torna-se Dédalo, quando voa em

busca da arte, da liberdade, da libertação que esta representa. “A respiração sem ar ou com o ar privado simboliza um fator de interiorização, um debruçar-se sobre si mesmo; assemelha-se ao medo de se perder ou produz uma angústia que paralisa ou um recolhimento criativo”<sup>5</sup>. Nas noites escuras e sem ar de Manuel Bandeira, vinha fazer-lhe companhia a sombra da morte que levava o poeta ao encontro de sua poesia.

*Sem família, Religião ou filosofia;*

*Mal tendo a inquietação de espírito*

*Que vem do sobrenatural,*

*E em matéria de profissão*

*Um tísico profissional!*<sup>6</sup>

Em busca de ares melhores, Bandeira passou por Teresópolis, Petrópolis, Itaipava, Juiz de Fora, Campos do Jordão, Maranguape, Uruquê, Quixeramobim e Suíça. Em cada um desses lugares, deixou sua pena fluir e não se abateu. Os temas de seus poemas – de estilo simples e ao mesmo tempo de maior valor para a poesia moderna brasileira – falavam não só do amor, da infância, da religião, dos amigos, do espectro da tuberculose que o acompanhou até a morte, sempre a morte, contínua espera diária, que ao ouvir suas súplicas feitas na “Oração a Santa Teresa”<sup>7</sup>, não o levou tão cedo.

*Santa Teresa rogai por nós (...)*

*Rogai pelos tísicos*

*Rogai pelos cardíacos*

*Rogai pelos tabéticos*

*Rogai pela gente de fôlego curto*

*Santa Teresa rogai por nós...*

“Cicatrices esparsas no pulmão direito e o pulmão esquerdo destruído. O processo cicatricial tinha transformado aquele pulmão em um bloco de fibrose, com brônquios dilatados, onde o catarro se acumulava. Era a chamada “doença da cura”: a tuberculose se fora, mas deixara um pulmão mutilado e fora de função. Daí a tosse e a expectoração que procurava controlar, como aprendera no Sanatório. Toda manhã, Bandeira fazia a denominada toailete brônquica. Procurava expectorar o máximo para esvaziar o catarro que se acumulara durante a noite. Depois do almoço repousava e, à tarde, lépido e fagueiro descia de Santa

<sup>3</sup> Prenitide, *ibidem*, p. 29-30 .

<sup>4</sup> Tema e voltas. *Ibidem* 184.

<sup>5</sup> RAVIGNANT, P. *Os presságios*. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p. 138.

<sup>6</sup> Auto-retrato. *Ibidem* p. 331.

<sup>7</sup> Op cit. p. 331.

Teresa, para a vida da cidade. (...) Bandeira não teve a morte pulmonar esperada para os de sua geração. Foi o duodeno que se rompeu, trazendo a morte banal de uma úlcera digestiva<sup>8</sup>.”

“Nunca poeta algum exprimiu tão bem o que significa para um tuberculoso desenganado a volta da vida.” As citações acima do Professor Aloysio de Paula é fruto de uma sólida amizade que culminou na sagrada intimidade que se estabelece entre o médico e o paciente.

Desencanto, delírio, desalento, desesperança,

preparação para a morte, vontade de morrer e programa para depois de minha morte: foram alguns dos poemas que marcaram o imaginário poético de Bandeira e a morte como sobrevida de espera.

*A vida é um milagre*

*Tudo é milagre*

*Tudo, menos a morte*

*- Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres.<sup>9</sup>*

Aos oitenta e dois anos, Manuel Bandeira expirou o último ar. Foi abandonado pela vida. “A vida inteira que podia ter sido” e foi. ■

<sup>8</sup> Ibidem, p. 259

<sup>9</sup> Preparação para a morte. Ibidem, p. 291



Soluções desenhadas a partir do pleno conhecimento das necessidades e objetivos dos clientes, dentro do melhor custo-benefício.

CRIAÇÃO :: logomarca :: folder :: cartaz :: banner :: folheto :: livro :: revista  
boletim :: exposição :: painel :: PRODUÇÃO GRÁFICA :: CONSULTORIA GRÁFICA

[amais.design@superig.com.br](mailto:amais.design@superig.com.br)

2467 4316  
8833 1428  
8115 3614